

Eu me lembro do primeiro encontro com Paul Auster. Foi em 1987, eu era um jovem escritor trabalhando em uma livraria em Berkeley e Paul apareceu em outra livraria por perto para ler do livro "In the Country of Last Things". Parece-me provável que isso tenha sido a primeira vez que uma grande editora o enviou uma turnê de livros pelos EUA. "The New York Trilogy" foi publicado em uma pequena editora chamada Sun & Moon Press; até esse ponto, ele era um poeta e tradutor. Paul assinou um livro para mim. Nunca lhe contei disso.

Eu me lembro de que, quando "Music of Chance" foi publicado alguns anos depois, senti que havia lido algo escrito por um escritor que exercia uma liberdade absoluta para fazer o que lhe interessava e que, nesse momento, era o novelista americano que mais desejava ser.

Eu me lembro de que, quando mais de uma década depois eu havia retornado a Brooklyn e publiquei livros ambientados em Brooklyn, fui quase inescapavelmente introduzido a Paul. Ele me acolheu em sua companhia com graça e gentileza corteses. Pouco tempo depois, fui convidado para ir à casa para conhecer Siri e sua filha e beber vinho e para responder aos delicados interrogatórios de Paul sobre minha vida de leitura e escrita. Quando olho para minhas cópias de seus livros, acho que mantive notas desse tempo dentro de seus capas de dancinhos; sempre estava tão entusiasmado em receber uma de suas cartas manuscritas. Paul nunca se switchou para o email.

Um constelação de mestres

Eu me lembro de que, em uma única passagem, em uma festa de Natal, Paul apresentou-me facilmente a um escalão de amigos famosos – DeLillo e Rushdie, sim, mas também Richard Price e Art Spiegelman, dois escritores nova-iorquinos cujo trabalho reverenciei quando jovem e que aquela noite me disseram que tinham lido meus livros da Brooklyn e me fizeram sentir que tinha feito uma impressão neles em troca. Aqueles momentos na casa de Paul e Siri poderiam ter sido um dia de formatura para mim.

Eu me lembro de que senti que estava retribuindo o favor quando consegui fornecer a Paul alguns experimentos que, na época, parecia que ele estava muito tímido ou apreensivo para providenciar para si mesmo. O primeiro foi quando ele disse que sempre ouviu que era impossível fazer uma reserva no Peter Luger steak house em Williamsburg e nunca havia ido. Levei-o lá para um almoço em uma mesa, o que foi fácil – ele ficou tão feliz como se eu tivesse executado um pedaço de magia de palco para ele. O segundo foi quando o New York Mets se mudaram do Shea Stadium para o Citi Field. Paul parecia estar perdido, como se seu time tivesse viajado para outro planeta. Conseguir ingressos e leva-lo a um jogo de dia e sentamo-nos juntos e observamos o Mets perder, que era uma tradição.

Eu me lembro de que Paul concordou em ser entrevistado por mim para um livro de jovens escritores encontrando escritores mais velhos, mas apenas com cautela. Nossa conversa naquele dia, enquanto minha gravadora rodava, foi incongruente. Paul estava obscurecido e dependente de generalidades. Ele havia começado a receber algumas cotas, como escritores às vezes fazem no meio de uma longa carreira. Ele havia escrito dois livros

Author: mka.arq.br

Subject: Paul Auster

Keywords: Paul Auster

Update: 2024/7/12 5:54:43